PRESS RELEASE **Lisboa, 03 de Fevereiro de 2012**

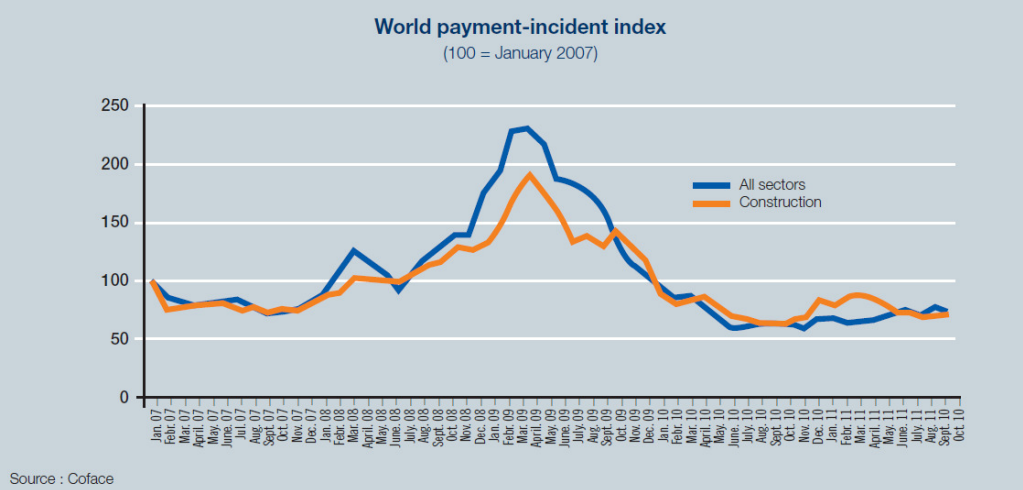
O Sector da Construção: Persistência do Risco de Crédito na maioria dos países

A situação das empresas no sector da construção reflecte de perto as tendências económicas, regionais e nacionais, do mundo. Numa altura em que a economia mundial é caracterizada por divergências entre países, com uma recessão na zona euro, existem disparidades significativas entre países e sectores. O sector da construção foi duramente atingido pela crise de 2009 e em 2011 registaram-se ainda um grande número de incidentes de pagamento.

Sensibilidade às condições económicas específicas para cada mercado e subsector

A intensidade da actividade no sector de construção varia de acordo com o impacto da crise sobre a economia do país em causa e de acordo com a sua sensibilidade às condições económicas, que varia de um para o outro subsector. A actividade é forte em mercados emergentes, que estão a compensar o seu atraso de desenvolvimento e isto é particularmente favorável para certos sectores, como as obras públicas, privadas e institucionais de construção não residencial. Por outro lado, a actividade nos mercados desenvolvidos, seja moderada ou estagnada, apresenta disparidades particularmente grandes no sector de construção residencial, ligada às diferenças na demografia, ambiente económico, condições de crédito, a legislação fiscal, a existência de habitações devolutas e os preços.

Este clima económico frágil e instável, combinado com as mudanças nas encomendas do sector público e regulamentos, bem como, com as flutuações dos custos de materiais e da procura, podem explicar o aumento dos incidentes de pagamento durante os primeiros meses da crise em 2008 e novamente a partir de Outubro 2011, em diante.



A construção na Europa vai depender dos planos de austeridade em 2012

Após um declínio de três anos e uma queda de 17% na actividade ao longo do período, o sector da construção europeia, finalmente, quase estabilizou em 2011, particularmente no subsector residencial, apesar das disparidades entre os países europeus, que podem ser divididos em três grupos:

- O primeiro grupo é aquele onde a construção sofreu mais e onde a sua reestruturação vai demorar algum tempo. Irlanda, Islândia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Grécia e Europa Central foram afectadas por excessos significativos nos preços e oferta, e continuam a assistir a um grande número de incidentes de pagamento.

• O segundo grupo, Reino Unido, França, Bélgica e Itália, sofreu menos com a crise e as empresas ainda se recuperaram em 2010. Apesar disso, depararam-se com uma nova queda devido à persistência de preços excessivamente elevados. Os incidentes de pagamento são ainda muito generalizados, particularmente no Reino Unido onde o número de falências de empresas é o mais significativo.

Em França, as empresas enfrentam uma forte concorrência e lutam para ganhar contratos, mesmo que isso signifique, por vezes, diminuir as suas margens, tendo em conta os aumentos de preços de matérias-primas. Havia menos falências no primeiro trimestre de 2011 do que no primeiro trimestre de 2010, embora o número permaneça muito maior do que antes da crise.

• O terceiro grupo é composto por países europeus onde a crise não tem afectado o sector da construção: Alemanha, Áustria, Noruega, Suécia, Finlândia e Polónia. As falências são, contudo, maior do que em outros sectores, afectando principalmente as empresas cuja actividade é regional e que trabalham num único sector.

Para 2012, a Coface prevê um avanço muito modesto no sector da construção na Europa, se a recuperação do segmento da habitação continua. O sector da construção, no entanto, pode ser afectado pelos planos de austeridade. As obras públicas e a construção institucional deverão estagnar sob a influência das restrições orçamentais. A construção de instalações comerciais e industriais é susceptível de ser afectada pelas incertezas económicas.

América do Norte: grande disparidade entre os EUA e o Canadá

Nos Estados Unidos, a queda dos preços combinada com o aumento dos custos enfraqueceram o sector. O investimento em construção caiu 2% nos primeiros 11 meses de 2011. Embora o declínio afecte mais sectores, o segmento da construção nova tem sido especialmente enfraquecido. A construção não residencial também continua a sofrer devido a dificuldades orçamentais dos Estados e Municípios. No Canadá, a recuperação que começou no início de 2010 explica o baixo nível de incidentes de pagamento registados pela Coface. A forte desaceleração é esperada, no entanto, no segmento da habitação em 2012, após a introdução de condições mais rigorosas no acesso ao crédito.

Ásia e Pacífico: recuperação da actividade

A construção na zona da Ásia e do Pacífico é relativamente flutuante. É esperado que a actividade se recupere muito bem em 2012 no Japão e na Nova Zelândia, em resposta à sua necessidade de reconstrução, pelo facto de ambos os países terem sido afectados por desastres ambientais. Na Austrália, a curto prazo, é provável que as incertezas económicas impeçam o dinamismo do sector, mas é expectável que a actividade seja impulsionada a médio prazo, graças à demografia favorável.

• **O caso da China**
As vendas diminuíram na China desde 2010, após as medidas tomadas pelas autoridades para abrandar o mercado imobiliário, em particular, restringindo os empréstimos bancários ao sector. Com a quebra nas vendas, os ajustes de preços e o aumento dos níveis de stock, espera-se que a actividade abranda no segmento residencial privado, mas isto será em parte compensado pelo lançamento de um novo programa público de construção de habitação social.
O *boom* da construção tem visto operadores de classe mundial emergirem na China, não só nas empresas de construção, mas também como produtores de matérias-primas e fabricantes de máquinas. Estes recém-chegados são cada vez mais activos em zonas emergentes, particularmente em África e no Médio Oriente.

Contactos com a Imprensa: Cláudia Mousinho / 21 358 88 00 (claudia_mousinho@coface.com)

Sobre a Coface:
O Grupo Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece às empresas em todo mundo soluções para a gestão de créditos. Em 2010, o Grupo registou um volume de negócios consolidado de 1.6 mil milhões de euros. Cerca de 6.400 colaboradores em 66 países do mundo garantem o fornecimento de um serviço local. A cada trimestre, a Coface publica as suas avaliações de risco país para 156 países, com base no seu conhecimento exclusivo do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 250 analistas de risco. Em França, a Coface gere as garantias públicas à exportação em nome do Estado Francês. A Coface é uma subsidiária do Natixis, cujo capital próprio (Tier 1) foi de 16,8 mil milhões de euros no final de Dezembro de 2010.